

APRENDIMOS A QUERERTE MUERTO

BETO VIANNA

O mundo - disse um certo filósofo Wittgenstein - é tudo aquilo que é o caso. E que caso é esse nosso mundo! Alguém morto há exatos 40 outubros, em pleno cinquentenário da revolução russa (que então se celebrava em vida), desde la histórica altura segue assombrando os viventes, o rosto por aí estampado nas camisetas, no corpo e no quarto de gente anônima, de gente famosa, e até de quem persegue a fama ou o anonimato. Coisa de juventude, dizem uns, mas que é isso de ser jovem, única condição universal ao lado do ato mesmo de envelhecer? A marca fica: fixa o tempo no corpo enquanto o corpo passa com o tempo.

O mito também é tudo aquilo que é o caso. Este mês o Cometa comemora nascimentos (pois no Cometa só se comemoram nascimentos): da revolução de outubro e do poeta Drummond. Mas fazer o quê, quando há uma morte no meio do caminho? O caso é que o médico, o argentino, o motociclista diário, "Fuser", cubano, asmático, guerrilheiro, diplomata, filho, pai e marido, escritor, poeta, cientista político, *vanguardia revolucionaria*, pescador de marlins, *rugby player*, boliviano e congolês, estrategista, enxadrista, ministro, modelo fotográfico e ditador de moda, o pop-star latino e amante, o amante das artes, do povo e da revolução, ícone, símbolo, índice e legissigno Ernesto Guevara de la Serna nem tanto saiu dessas vidas para entrar na história: permaneceu em todas, hasta siempre.

Façamos então um exercício de ciência mítica, se o que queremos é legitimar a comemoração. Esqueçamos os primeiros 39 anos da vida do Che, para concentrarmos nos últimos 40. Esse Che nasceu como nasceram outros cabeludos e barbudos de seu tipo. Os Johns e Georges, os Raulzitos e os Jesuses. Nasceu imolado sob o signo dessa rebeldia meio apoplética, ao mesmo tempo hippie e cristã: após dar a outra face (e chutar a bunda de vendilhões), os que vão morrer te saúdam, César, a ti o que é de ti. E as comemorações dessas mortes renascidas, que tanto tocam a nós-todos, pobres iludicidocentais, têm que acontecer no espaço da literatura.

A literatura é tudo aquilo que é o caso. Umberto Ecco, meu xará sem o dispensável agá mudo, ensinou que toda obra tem um autor e um leitor empíricos - que não jogam o jogo do texto - mas também um autor e um leitor modelos. Dando logo o exemplo, digamos que um hipotético autor-modelo do Che oferece muitos - mas não infinitos - caminhos para a interpretação, e nós, agindo como perfeitos leitores-modelos, seguimos uma boa pista. A trilha nos leva a um Che mítico, de olhar perdido no horizonte, boina e estrelinha, defensor da igualdade, da justiça e da ternura, donde el sol de tu bravura ilumina nossos corações jovens. E então, positivistas como nós iludicidocentais sempre fomos, exigimos um autor-empírico desse Che (a história? a geopolítica?) e fazendo o papel de leitores-empíricos,



vasculhamos a tal história ou a tal geopolítica e topamos com algo semelhante demais pra ser verdade: Che brigando duro - mas sempre galhofo, sempre latino - para fazer dois, três, mil Vietnãs. Discursando na Argélia, exige não mais a cooperação primeiromundista (que essa devia ser arrancada à bala), mas a generosidade dos primos-ricos socialistas, e não mais (apenas) o socialismo, mas o estancamento das veias abertas da América, da África, da Ásia. Foi esse Che vivo quem puseu um cerco a la muerte. A morte imita a arte.

Coincidência? Não, diz Umberto Ecco. Mito e literatura não são aberrações do real. São sua matéria-prima. Por sua vez, quando navegamos mares literários e míticos, a experiência de estar-no-mundo é nossa única bússola. O Wittgenstein de que falei no início debateu-

se desesperadamente em transpor a ponte entre o dizível e o indizível: não deu conta, morreu nas duas margens (ressuscitou, todavia, em uma segunda obra sua, onde tratou de se desfazer da ponte). Ecco lembra-nos que a negociação entre o autor e o leitor modelos não exige só um "pacto de credulidade", mas experiências comuns, que permitem um terreno minimamente estável para a escolha da trilha a seguir. O exemplo que me vem à cabeça é Branca de Neve. A Madrasta pergunta ao espelho: "Quem é a mais bela?" E o espelho: "Dunga é a mais bela, madame..." Você acreditaria? Seus filhos pré-alfabetizados acreditariam? Ou, já que eu estava mesmo me coçando para falar sobre isso, há um mundo possível neste mundo que nos faça crer na revista Veja comemorando a morte do Che? No afã de fazer só geopolítica (muito bem paga, diga-se) e desfazer o mito, as mentes confusas que escreveram o que escreveram, de fato o conseguiram, com o que não lhes restou mais um grão de areia entre os dedos. A mais espetacular das alucinações exige um mundo

con-vivido. Esse esdrúxulo "verdadeiro homem-Che" é, mal-comparando, os sete anões casando-se com o príncipe, ou a vovozinha comendo o lobo. É aí que entra o problema de autores e leitores meramente empíricos. Quando o único autor disponível não quer ou não sabe gerar mais que uma impostura, e o leitor compactua com a indecência da não-interpretação, o mundo escorre pelo ralo junto com o mito.

Felizmente, o mundo são muitos, e ainda hoje toda Santa Clara se despierta para verte. Só por isso, por motivos estritamente literários, e por tudo aquilo que é o caso, agradeço ao Cometa por abrir neste outubro uma exceção e comemorar os 40 anos da morte do espírito-que-anda. A justa comemoração de tu querida presença, comandante Che Guevara.